

FRANCISCO NICHOLSON

PÁTRIAS

SEGUIDO DE
O LIXO E DE A CATACUMBA



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

DO AUTOR

REVISTAS — *Bikini* — (*Gente Nova em Bikini*), *Chapéu Alto* (1963), *Lábios Pintados* (1964), *É o Fim da Macacada* (1972), *Pr'ó Menino e pr'á Menina*, *Tudo a Nu* (1973), *Pides na Grelha* (1974), *Cia dos Cardeais*, *A Grande Cegada* (1976), *O Calinas Cala a Boca*, *A Paródia* (1977), *Roupa Velha*, *Fardos e Guitarradas*, *Ora Vê Lá Tu* (1978), *1926 Noves Fora Nada*, *Querias mas Não te Dou* (1979), *Chiça! Este é o Bom Governo de Portugal* (1980), *O Escabeche*, *Paga as Favas* (1981), *É Sempre a Aviar (É Sempre a Votar)*, *Chá e Porradas*, *Tá Entregue à Bicharada* (1982), *Não Batam mais no Zezinho* (1985), *Isto é Maria Vitória*, *Toma Lá Revista* (1986), *Escrita em Dia* (1987), *A Prova dos Novos* (1988), *A Grande Festa*, *Vitória! Vitória* (1990), *Vamos a Votos* (1991), *Lisboa Meu Amor* (1994), *Ora Bolas Pró Parque* (1997).

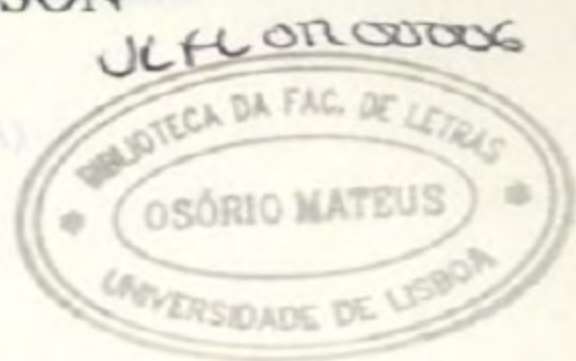
TELENOVELAS — *Vila Faia* (1982), *Origens* (1983), *Cinzas* (1992), *Os Lobos* (1998).

PEÇAS — *Alberto e as Borboletas* (com Armando Cortez) (1965), *O Taran Tan Tan Não Enche Barriga* (1975), *A Catacumba* (1976), «Depois da Canção» (*Sketch* do espectáculo *Ao Qu' Isto Chegou*) (1977), *Pátrias* (1996), *O Lixo* (1997), *Os Terríveis* (RTP).

PEÇAS INFANTIS — *Misteriosos Até Mais Não* (1961), *O Cavaleiro Sem Medo*, *Boingue Boingue* (1962), *O Indiozinho Raio de Luar* (1963).

FRANCISCO NICHOLSON

Francisco Nicholson
Pátrias
(Agrupamento de línguas portuguesas)
ISBN 972-20-1482-X
CDU 821.134.3



PÁTRIAS

seguido de

O LIXO e A CATACUMBA

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

1998

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação
Nicholson, Francisco
Pátrias
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1482-X
CDU 821.134.3-2



Publicações Dom Quixote
Av. Cintura do Porto de Lisboa
Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º C
1900 Lisboa – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1998, Francisco Nicholson

Capa: Catarina Rebello que agradece a colaboração
dos amigos Eugénia, Lucinda, Céu, Germano,
Henrique, Manuel e Fernando

Revisão tipográfica: Eda Lyra
1.ª edição: Setembro de 1998
Depósito legal n.º 125 433/98

Fotocomposição: Mariano
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1482-X

*Para a Magda, minha mulher, minha paixão
a Sofia, minha filha, meu amor
a Maria Antónia, minha irmã, minha amizade
o Edgar Gonsalves Preto, leal companheiro de muitas peças,
muitas alegrias e algumas frustrações*

*e para
Luiz Francisco Rebello
sem ele o teatro português teria sido mais pobre*

Para a Mãe, minha mulher, minha poeira
a Sofia, minha filha, meu amor
a Maria Antónia, minha irmã, minha amada
o Edgar Gonçalves Preto, tal compozição de muitas peças,
muitas alegrias e algumas tristezas

e para

Luiz Francisco Rebello

sem ele o teatro português teria sido mais pobre

A representação ou reprodução desta peça, no todo ou em parte, por qualquer meio, dependem de autorização que deverá ser solicitada à Sociedade Portuguesa de Autores, sob pena de procedimento judicial.

PERS LIXO JENS

peça em um acto

2.º EMBUÇADO

3.º EMBUÇADO

INSPECTOR POLICARPO

POLÍCIA

CHEFE

REPÓRTER DE TELEVISÃO

OPERADOR DE TELEVISÃO

JORNALISTAS

PERSONAGENS

ELE do, todos podem ter a 2.º EMBUÇADO sempre suspiram,

ELA cancela, goze as férias do 3.º EMBUÇADO um o nosso crê-

LINA se um quadro com os INSPECTOR POLICARPO estrange-

PINÓQUIO as. No meio deles. POLÍCIA as esprechadores se aper-

ACTOR «alchoa» um dorsoitóri CHEFE esquerda, surge um casal

1.º POLÍCIA mulada à entrada REPÓRTER DE TELEVISÃO agra-

2.º POLÍCIA OPERADOR DE TELEVISÃO

1.º EMBUÇADO Bancos encij JORNALISTAS

Fachada de um Banco, em rua iluminada pelo luar, os candeeiros públicos e as montras da instituição. Na decoração das montras, cartazes anunciam facilidades de créditos para se comprar tudo e mais alguma coisa: «Agora, graças ao nosso supermercado, todos podem ter a casa com que sempre sonharam, em menos de vinte e quatro horas!...» «O Paraíso já está ao seu alcance, goze as férias dos seus sonhos com o nosso crédito — férias inesquecíveis!!!» Etc. Numa das montras, vislumbra-se um quadro com as cotações das moedas estrangeiras. No vão da entrada principal do Banco, amontoam-se cartões velhos. No meio deles, sem que os espectadores se apercebam, dorme Pinóquio, um dos «sem abrigo» que fazem daquele «nicho» um dormitório. Da esquerda, surge um casal conversando naturalmente de tudo e de nada. À vista da «lixreira» acumulada à entrada do Banco, ela reage desagradavelmente surpreendida.

ELA: Olha para aquela lixeira!... Parece impossível, que porcaria!... Já nem os Bancos escapam!...

ELE: Se isto é à porta do Banco, imagina o que não será lá dentro!...

Enquanto o casal discorre sobre a assépcia bancária, da direita, entra Lina. É uma mulher «sem idade». Pode muito bem ser mais nova ou mais velha do que aparenta. Veste roupa usada e larga, provavelmente encontrada em algum caixote, que lhe dá um aspecto pingão, ponta acima-ponta abaixo. Traz consigo um saco onde transporta o inimaginável. Apesar de tudo, existe nela um toque de feminilidade. Caminha vagarosamente. À vista do casal, rápida e comicamente, «profissionaliza» o ar de pedinte.

ELA: O mundo está cada vez mais feio.

ELE: Também, não exageremos... Daqui a pouco passa a camioneta do lixo e leva aquela trampa toda para a reciclagem. (*Avis-tam Lina.*)

LINA: Uma moedinha para uma sopa... Não como há três dias.

ELA (*com uma certa repulsa*): Tenha paciência.

LINA: Fui despedida do trabalho, tenho o marido no hospital, o meu filho é toxicodependente e...

ELE: Tenha paciência!...

LINA: ... Está preso e foi apanhado pelo vírus da...

ELA: Ó mulher, já dissemos para ter paciência!...

LINA: Eu paciência tenho... mas também tenho um menino, que é a luz dos meus olhos, fez seis mesinhos a semana passada, leva os dias a chorar com fominha, coitadinho meu rico menino, é um menino Jesus...

ELE: Ó mulher, desampare-nos a loja!... Tenha paciência! Depois, admiram-se que, à noite, a cidade esteja deserta... As pessoas têm medo de sair à rua!

ELA: É o que eu digo: o mundo está cada vez mais feio!

(Desaparecem)

LINA *(fica a protestar)*: Está cada vez mais feio por causa dos monstros como tu!... Filha da... Cabra!... Tava bem lixada, eu, se tivesse sido despedida há três meses, tivesse o homem no hospital, um filho toxicodependente e não comesse há três dias!... Ganda cabra!... *(Dirige-se para os cartões e começa a arranjar «ninho» para se deitar)* Miseráveis!... Se calhar, não têm onde cair mortos, são mais miseráveis que nós e não dão uma esmola a um pobre!... *(Espreita as cotações das moedas)* O «dóla» subiu, outra vez!... *(Recomeça a arranjar a «cama»)* Se eu tivesse um filhinho com seis mezinhos, estava feita!...

(Pinóquio surge do meio dos cartões. É a imagem do vagabundo clássico, maltrapilho, com a barba por fazer. Só neste instante é que os espectadores se aperceberão da sua presença)

PINÓQUIO: Ouve lá, ó palhaça: vens com a palheta toda?! Tás bêbada, ou quê?... Deixa-me dormir, chiça!...

LINA: Tá muito bem, Pinóquio!... Ronca à tua vontade, Pinóquio!... Se tu visses como ficas bonitinho quando «chóinas» passavas a vida acordado!... Roncas que nem um bode!... Tens umas fussas que metem medo ao susto!...

PINÓQUIO: Tens medo, tu?...